

**Projetos, ideias, cogitações e ...  
Quando as obras do porto do Rio de Janeiro vão começar?**

Projects, ideas, cogitations and ... When will the refurbished of Rio de Janeiro's Port start?

Thais dos Santos Portella<sup>1</sup>

**Resumo:** A reforma da Capital Federal brasileira no início do século XX gerou uma série de transformações na cidade, no modo de viver, no desenvolvimento político e cultural. As transformações ocorridas na urbe foram em diversos momentos pauta de matérias na imprensa diária. E também, como foco deste artigo sua temática foi abordada pela imprensa ilustrada, sendo narrada pelos chargistas. As consequências da reforma urbana na cidade do Rio de Janeiro foram, portanto, estimuladoras da criatividade de artistas e literatos. A reforma do Porto do Rio de Janeiro foi um dos temas muito destacado nos anos de 1903 e 1904 na revista *O Malho*, havendo cobranças e ironias com relação ao início delas. Essas reformulações foram anunciadas em novembro de 1902 e só efetivamente iniciadas em 1904. Desta forma, diversas charges foram produzidas para criticar e abordar a temática, ilustrando uma grande expectativa e cobranças com relação ao desenvolvimento das obras.

**Palavras-chave:** Reforma do Rio de Janeiro; Charges; *O Malho*.

**Abstract:** The reform of the Brazilian Federal Capital in the early twentieth century generated a series of transformations in the city, in the way of living, in political and cultural development. The transformations in the city were in several moments matters in the daily press. And also, as a focus of research in development, illustrated and narrated by political cartoonists in illustrated magazines, were that a great success at stars century XX. The consequences of urban reform in the city of Rio de Janeiro were therefore stimulating the creativity of artists and writers. And one of the very outstanding themes in the years 1903 and 1904 in the magazine *O Malho* were the charges and ironies with respect to the beginning of the refurbished of the port. The constructions of the Port of Rio de Janeiro were announced in November 1902 and only effectively started in 1904. In this way, several cartoons were produced to criticize and approach the theme, illustrating a great expectation and regarding the development.

**Keywords:** Rio de Janeiro Port Reform; Political Cartoons; *O Malho*.

## **Introdução**

No ano de 1903 a cidade do Rio de Janeiro estava sendo preparada para uma transformação urbanística, que se propunha transforma-la em uma urbe moderna. Na mesma

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo CPDOC/FGV. Mestre em História Política e Cultura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Bacharelado e Licenciatura).

época, a imprensa nacional passava por transformações na sua forma de publicar as notícias e divulgar os acontecimentos. A introdução das revistas ilustradas no meio editorial na primeira década dos novecentos é uma das novidades do período. Isto era fruto da modernidade e dos avanços tecnológicos, fatos que permitiram a introdução de imagens e cores, marcando a época, as revistas e os jornais. Este artigo pretende analisar quatro charges publicadas no ano de 1903 em números consecutivos da revista ilustrada *O Malho*. Essas imagens com o uso do humor e da crítica social buscavam questionar e cobrar do Governo Federal o início da reforma do Porto do Rio de Janeiro. Pois esta reestruturação foi anunciada como uma necessidade nacional desde o discurso de posse do presidente Rodrigues Alves<sup>2</sup> em 1902.

A escolha de charges e principalmente da fonte, a revista ilustrada *O Malho*, para o artigo está relacionada a importância que os novos adventos tecnológicos causaram no período para a imprensa e para atividade cultural. Com a entrada de novos equipamentos gráficos nas redações, a forma de produção de jornais foi modificada no Brasil. Surgiram diferentes patamares editoriais e com isso uma forma de exercer o jornalismo e narrar os acontecimentos cotidianos. Para Tânia Regina de Luca (2015) a imprensa no início do século XX ganha uma característica industrial. Os jornais e as revistas passam a adotar traçados capitalistas e introduzem inovações editoriais como as charges.

A revista *O Malho* foi uma revista ilustrada brasileira de grande longevidade<sup>3</sup>. Uma de suas características marcantes foi a de utilizar o bom-humor e as novidades editoriais para realizar críticas aos acontecimentos políticos. Diante desse motivo as imagens aqui apresentadas foram retiradas desse periódico. Figuras publicadas em quatro números consecutivos que narravam de forma leve e prática críticas sobre a reforma do porto.

Para compreender o papel das charges no contexto da sociedade e como uma fonte de crítica das ações da República, primeiro será necessário contextualizar quem são esses profissionais, que trabalhavam na imprensa ilustrada. Os Chargistas eram homens das letras, intelectuais inseridos no debate político e boêmios que se reuniam para debater a realidade brasileira. Estes artistas levavam por meio de seus desenhos, sabiamente, uma forma de comunicação rápida com o seu leitor carregando todo um contexto social cheio de críticas.

O Rio de Janeiro no início da República se constituía em um local ímpar para os profissionais intelectuais. A urbe oferecia diversas oportunidades aos letrados, desde empregos na burocracia estatal, cargos de representação política e também nas delegações diplomáticas.

---

<sup>2</sup> Cf. (Correio da Manhã, 16/11/1902, p.1)

<sup>3</sup> A Revista *O Malho* foi publicada do ano de 1902 até 1954.

Nicolau Sevcenko (2003) afirma os aspectos de modernidade vividos na cidade, como a produção nas revistas:

Esse “novo jornalismo”, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornando-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom-tom sob a atmosfera da Regeneração. Cria-se assim uma “opinião pública” urbana, sequiosa do juízo e da orientação dos homens de letras que preenchiam as redações (SEVCENKO, 2003. p.119).

Para o historiador, estes intelectuais têm papel ativo na formação de uma opinião pública alinhada como os ideais progressistas republicanos. Vale destacar a conjuntura desses produtores culturais no meio de tantas mudanças. Era necessária uma adaptação e a criação de saídas para poder trabalhar na nova imprensa, fosse mundana ou não.

Em consonância com tais mudanças, o que era considerado relevante e a forma de expressar-se nos periódicos se transformaram. A vida cotidiana carioca, tema onipresente nos impressos, reflete constantemente as tensões, embates e novidades da vida política e social do país. Jornais e revistas passam a repercutir a vida cultural. As revistas ilustradas eram um grande símbolo disto, com seu forte apelo a uma visualidade moderna. Entender os seus produtores é uma chave importante para essa questão. A “fabricação” das revistas ilustradas não é apenas um reflexo frio dos acontecimentos comuns do Rio de Janeiro. Os periódicos são eles mesmos produtos dos acontecimentos políticos e sociais, resultado de toda a conjuntura da fixação contraditória da modernidade no Rio de Janeiro. Além disso, quem eram os produtores intelectuais ou o que eles pensavam, pois mesmo sendo funcionários de uma empresa editorial, suas ideias impactavam nas distintas publicações.

Vera Lins (2010) destaca que alguns desses letrados e artistas tinham sido republicanos fervorosos. A teórica da literatura, entretanto, ressalta que os ideais republicanos deste grupo foram logo traídos pelos republicanos positivistas e o Partido Republicano Paulista, que acomodava os ricos fazendeiros de café. Para a autora, “a luta pela abolição e a ideia de república fazia parte de uma utopia de modernização deslanchada pelo liberalismo burguês internacional.” (LINS, In: OLIVEIRA, VELLOSO, LINS. 2010 p. 27). Já Nicolau Sevcenko (2003) destaca que umas das reações dos letrados e intelectuais à proclamação do sistema republicano foi de sublimar as dificuldades enfrentadas no presente, transformando a sensação de inferioridade em um mito de superioridade. Ideias como um “gigante adormecido” eram estimuladas, pois se acreditava que o Brasil alcançaria, no futuro, conquistas concretizadas graças ao advento da República.

Um novo formato de nação fora imaginado, problemas existentes na época da monarquia seriam superados, gerando grandes expectativas marcadas por um forte

nacionalismo. Esperanças estas que ficam evidentes através de ações de intelectuais do Rio, que enviaram a um manifesto entusiástico de apoio ao governo, ainda durante a administração provisória. Como ressalta José Murilo de Carvalho (1987), este ato se mostra a aliança entre os homens das letras e o povo, apoiando a república recém constituída.

Mais importante que a circulação de ideias talvez tenha sido a nova atitude dos intelectuais em relação à política. Da invasão da Câmara Municipal a 15 de novembro de 1889, antes mesmo da proclamação da República, participaram vários intelectuais. Alguns, por certo, antigos militantes do movimento abolicionista, como José do Patrocínio, mas outros pela primeira vez movidos à ação política concreta, como Olavo Bilac, Luís Murat, Pardal Mallet. Um mês depois, intelectuais do Rio enviaram um manifesto de entusiástico apoio ao governo provisório, em que se referiam à aliança entre os homens de letra e o povo. A pátria, dizia o manifesto, abrija as asas rumo ao progresso, “a literatura vai desprender também o vôo para acompanhá-la de perto” (CARVALHO, 1987. p.25-26) Grifo do autor

### **O desgosto com a República**

As perceptivas almeçadas pelos intelectuais para o sistema de governo republicano não foram alcançadas. Os dois governos de militares, a crise econômica desencadeada pelo encilhamento, a alternância de poder conjurada por meio da política dos governadores e o fato de conselheiros imperiais se tornarem presidentes geraram uma grande desilusão destes ilustrados. Elias Saliba (2002) ressalta que a República criou uma cidadania precária, acentuando as distâncias entre diversas regiões do país; distanciamento este mal solucionado por um federalismo frágil. O sistema renovava-se apenas na superfície, e as antigas oligarquias permanecem no poder. Concordando com a pouca mudança relatada, Fernando Faria (1993) cita o Congresso Federal como uma representação fiel da sociedade brasileira, sendo o retrato das elites que dirigiam o país, visando os seus interesses e não o do povo.

O advento da República se instaurou com um processo ambíguo. No momento da proclamação se achou que o Brasil teria uma transição tranquila de império para república, mas este fato não aconteceu, gerando uma série de percalços a serem superados. Maria Efigênia Resende (2013) destaca que foi necessário gerar uma cultura política da “coisa pública” no país, e por isto o novo regime enfrentou diversas problemáticas:

É da coexistência de uma Constituição liberal com práticas políticas oligárquicas que deriva a expressão liberalismo oligárquico, como se caracteriza o processo político da República no período compreendido entre 1889 e 1930. Ambígua e contraditória, a expressão revela que o advento da República, cujo pressuposto teórico é o de um governo destinado a servir à coisa pública ou ao interesse coletivo, teve significado extremamente limitado no processo histórico de construção da democracia e de expansão da cidadania no Brasil. (RESENDE, In: FERREIRA, DELGADO (Org). 2013. 91)

O liberalismo se mostrava uma corrente política mundial em ascensão, suas ideias e formas de agir repercutiam em diversos locais. Diante do advento da República a corrente política chegava ao Brasil, entretanto, como ressalta a professora Maria Resende, o liberalismo teve que ser adaptado para poder se relacionar com as elites locais: um exemplo disto seria a “Constituição de 1891”. Diante da carta legislativa republicana a transplantação de princípios fora feita sem considerar a realidade social e econômica do país “marcada pela alta concentração da propriedade, pelo imenso poder dos proprietários de terras e pela enorme desigualdade entre a população” (RESENDE, In: FERREIRA, DELGADO (Org). 2013. 98). Prevalentes na de 1891, estabeleciam-se valores não similares aos do liberalismo internacional, e menos ainda a uma igualdade de direito. O que foi constituindo no Brasil foi uma adaptação de ideias de liberdade e novas formas de governo que circulavam pelo mundo, no intuito de juntá-las às características de uma ordem oligárquica. Diante deste quadro, cidadãos e intelectuais brasileiros constatarem o desacerto e formulam uma imagem negativa da República. A cidadania precária republicana inaugura um repertório de assuntos sobre esses problemas sociais que abastecia constantemente a imprensa ilustrada.

Junto com a República vieram ideais modernos associados aos conceitos de *progresso* e *civilização*<sup>4</sup>. O avanço tecnológico gerou um otimismo com relação às conquistas da ciência e da técnica. Estes aspectos orientaram o pensamento republicano, gerando o ímpeto para organizar a reforma portuária. “A zona portuária inspirava reações dúplices às elites: repulsa aos perigos que emanavam dos setores populares lá concentrados, fascínio pelo exotismo e o pitoresco de suas comunidades estrangeiras” (BENCHIMOL, In: FERREIRA, DELGADO (org). 2013. 256). O porto do Rio de Janeiro era uma região de grande diversidade cultural e importante para o Estado de forma financeira e comercial, tanto na arrecadação de impostos, como para entrada de produtos e imigrantes.

As mudanças republicanas já não eram mais vistas pelos intelectuais de maneira positiva ou ingênua. Para estes letrados, a República se mostra como uma tormenta, sendo completamente diferente do que eles imaginavam e sonharam anos antes. Mônica Pimenta Velloso (2015) lembra, a propósito que a frase “esta não é a República dos meus sonhos” (VELLOSO, 2015. p.60) se tornou emblema para esta geração de intelectuais. O moderno regime de governo trouxe expectativas com relação a uma renovação política e de participação popular, mas este não mudou a forma como as questões públicas aconteciam.

---

<sup>4</sup> Cf. (AZEVEDO, 2003)

As revistas ilustradas transparecem de forma pulsante estas questões. Vera Lins (2010) reforça nossa perspectiva e evidencia que, embora se desejasse uma cultura urbana e moderna, no entanto, as relações continuavam sustentadas por uma oligarquia conservadora, cujos emblemas foram, por exemplo, a Avenida Central, no âmbito urbanístico, e uma imprensa empresarial, no contexto cultural. A modernização estava sendo construída por uma vertente autoritária. O jogo político excluía boa parte da população. Mesmo logo após 1889 o sistema de governo já não era mais aquele sonhado pelos republicanos brasileiros.

A “desilusão republicana” ensejou uma produção irreverente nos periódicos ilustrados. Esta geração de humoristas foi inspirada em antigos boêmios, como Pardal Mallet, Paula Nei, José do Patrocínio, entre outros. Monica Pimenta Velloso (2015) destaca que no início do século XX este grupo literatos e artistas, principalmente os chargistas, não tratavam os assuntos cotidianos apenas como brincadeiras inconsequentes, eles representam:

[...] uma determinada percepção da organização intelectual inspirada no humor e no espírito de irreverência, enfatizam a maleabilidade, o individualismo e as relações pessoais. Na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX, há um grupo de intelectuais que efetivamente se congrega em torno delas: o que une Bastos Tigre, Emílio de Menezes, Lima Barreto, José do Patrocínio Filho, Raul Pederneiras, K. Lixto, J. Carlos, Storni, Yantok e Julião Machado enquanto grupo é a visão satírico-humorística da nacionalidade, expressa através de caricaturas e escritos. (VELLOSO, 2015. p. 64)

As crônicas, contos humorísticos e charges tematizavam o desapontamento com a República e as questões desmembradas pela cultura modernista brasileira. O humor se mostrou como uma ferramenta crítica de importância fundamental para discutir as questões sociais e políticas do país. A cultura e suas representações foram utilizadas como um novo caminho para discutir questões sérias da cena política e social brasileira. Elias Saliba (2002) comenta que o riso nas charges, busca desmascarar, revelando o real e produzindo surpresa. A representação humorística, segundo ele, é uma “epifania da emoção”<sup>5</sup>.

A independência intelectual, entretanto, não era completa, pois estes homens ou eram profissionais ligados à imprensa, ou se incorporavam à burocracia por meio de cargo público. Brito Broca (2004) comenta o fato de alguns deles acabarem se filiando à vida pública e não conseguirem desenvolver os projetos literários e intelectuais que desejavam. Já aqueles que continuaram na imprensa, conseguiam ainda se manter como baluartes das críticas e “poetas” do cotidiano. A rua é a maior protagonista em toda essa produção discursiva.

As revistas ilustradas, certamente um ponto de ligação entre letrados, artistas e a população foram também um instrumento eficaz de sociabilidade do próprio grupo boêmio,

---

<sup>5</sup> Termo utilizado pelo historiador Elias Thomé Saliba.

reforçando a rede de identidade deste grupo. Era comum, assim, que a redação destes periódicos congregasse muitos desses intelectuais humoristas, em produções nas quais ressaltam a troca e a comunhão de ideias:

Originadas de um projeto mais amplo, de cunho coletivo, as revistas são ponto de encontro de itinerários individuais, reunidos em torno de uma ideia em comum. Funcionam como um verdadeiro microcosmo, no interior do qual os intelectuais organizam suas redes de sociabilidade, difundem ideias e garantem o seu sustento. (VELLOSO, In: OLIVEIRA, VELLOSO, LINS. 2010 p. 44)

Os chargistas que incorporaram o contingente de colaboradores de uma imprensa modernizada e de cunho empresarial, que possuía como aliada às novas tecnologias.

Uma das principais *instituições* da Primeira República, a imprensa foi não só um importante meio de sustento para literatos e artistas, como também palco do surgimento de gêneros inovadores como a reportagem e a crônica, que incorporavam em sua linguagem a velocidade e a síntese características dos novos tempos. (NERY, In: LUSTOSA (org.), 2011. p. 225) grifo da autora.

Laura Nery reforça que a utilização de legendas de duplo sentido sinalizava a renovação da linguagem do humor gráfico, estabelecendo o jogo entre imagens sintéticas e alusões astuciosas típicas do humor moderno, “ligeiro”, que caracterizava a charge *Belle Époque* (Nery, 2000. p. 123) na qual destacava-se a leveza e o traço elegantes dos desenhos. As imagens espirituosas e o recurso ao trocadilho, tão em voga na imprensa da *Belle Époque*, fizeram a fama e o sucesso de diversos periódicos, fazendo brilhar este novo modelo de caricatura. As charges, como escreve a autora, narravam assim os “múltiplos encontros do cotidiano” registrando a experiência do momento de transição para modernidade em que o Brasil vivia.

### **A reforma do Porto no *O Malho***

As consequências da reforma urbana na cidade do Rio de Janeiro foram, portanto, estimuladoras da criatividade de artistas e literatos. E um dos temas muito destacados nas revistas ilustradas do período, mostrando as cobranças e ironias com relação ao início das obras do porto. Para exemplificar é possível analisar as próximas quatro imagens destacadas. São todas charges da capa interna (ou pós-capa)<sup>6</sup> de *O Malho*, ou seja, desfrutavam de um grande destaque na leitura. Além disso, foram publicadas em números sequenciais da revista proporcionando, digamos, uma narrativa contínua. Essa história foi veiculada ao longo de um mês e permitiu ao leitor acompanhar o “nascimento das obras do porto”.

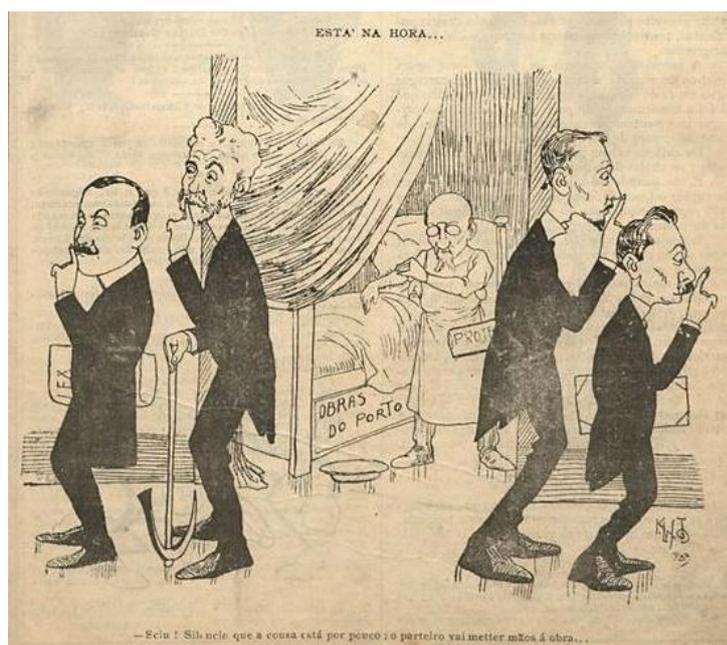
---

<sup>6</sup> Esta capa seria a segunda página da revista logo após a capa colorida que apresenta um papel distinto.

**Figura 1 - Tres vezes nove...**

Legenda: - Projectos, idéas, concepções, parafusadellas, cogitações e até agora... *nickles!*

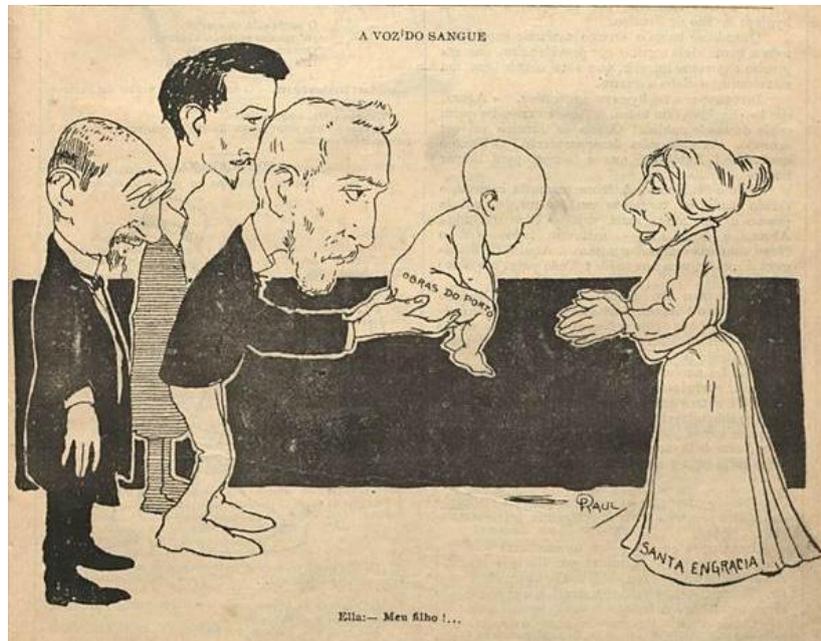
Fonte: K. Lixto, Revista *O Malho* - Anno II, n. 27- 21/03/1903 - Fundação Casa de Rui Barbosa, Coleção Plínio Doyle, 2017.

**Figura 2 - Esta' na hora...**

Legenda: - Sei! Silencio que a cousa está por pouco: o parteiro vai metter mãos á obra...

Fonte: K. Lixto, Revista *O Malho* - Anno II, n. 28- 28/03/1903 - Fundação Casa de Rui Barbosa, Coleção Plínio Doyle, 2017.

**Figura 3 - A voz do sangue**



Legenda: Ella: - Meu filho!...

Fonte: Raul Pederneiras, Revista *O Malho* - Anno II, n. 29- 04/04/1903 - Fundação Casa de Rui Barbosa, Coleção Plínio Doyle, 2017.

**Figura 4 - O baptizado**



Legenda: - Como se chamam os avós?

- Dr. Francisco de Paula Demorado e D. Engracia Perpetua de S. Nunca.
  - O nome dos pais?
  - Dr. Queréca Viação e D. Necessidade Nacional.
  - Os padrinhos?
  - O conselheiro Gente em Penca e D. Capital dos Passos Homem como Trinta.
- Fonte: Raul Pederneiras, Revista *O Malho* - Anno II, n. 30-11/04/1903 - Fundação Casa de Rui Barbosa, Coleção Plínio Doyle, 2017.

As imagens transparecem, de forma divertida, a desilusão contida no mote “esta não é a República dos meus sonhos” compartilhado por intelectuais e artistas em consequência do “mal” caminho que o nosso regime republicano tomava. Fica evidente nas charges [Figuras 1, 2, 3 e 4] uma narração voltada para a cobrança de resultados aos governantes. Entretanto, ainda não é possível identificar uma insatisfação mais agressiva. Francisco Foot Hardman, salienta que essa é marca de uma produção já claramente moderna:

Resultante das filosofias positivistas, evolucionistas e materiais, esse amplo e heterogêneo mosaico de produções literárias, jornalísticas, sociológicas e filosóficas abrigou, também, desde logo, sobretudo a partir de 1890, a presença do movimento operário representado pelas correntes de tendências social-democrata e libertária. É preciso frisar, aqui, que o proletariado, a organização industrial manufatureira e os conflitos sociais daí resultantes são **fabricações inteiramente modernas**. (HARDMAN, In: NOVAES (Org.), 1992. p. 291) grifo meu

Quanto à modernidade no âmbito brasileiro, leva-se aqui em consideração as argumentações de Néstor Garcia Canclini (2000) e Beatriz Sarlo (2010) quanto às especificidades latino-americanas. As charges selecionadas, vistas em sequência, formam uma “narrativa” que permite refletir sobre os processos de expectativa e idealização que atravessam a formulação cultural. Saliba (2003) destaca que as utopias levantadas após as revoluções, que transformaram o mundo, não eram mais as semelhantes a do período de Thomas More<sup>7</sup>. Estas estavam mais compromissadas com o esforço de ordenar um mundo perante as mudanças rápidas e desordenadas que ocorriam.

As charges e caricaturas incorporam ao nível de sua própria linguagem o avanço técnico da imprensa, e assim tornam-se um produto atraente, atendendo à necessidade dos humoristas do traço de produzir para seu sustento. De certa forma, são uma espécie de crônica visual da cidade. Como nas novas reportagens e nas crônicas, escreve Nery, “a ideia de colher o fato diretamente nas ruas não era estranha à caricatura, ao contrário, era um procedimento intrínseco a essa arte.” (NERY, 2000. p. 94)

---

<sup>7</sup> Cf. (MORE, 2009)

A possibilidade de um projeto portuário era evidente para os engenheiros e consequentemente para os líderes do governo, eles afirmavam que o desenvolvimento do país “na marcha ascendente do progresso dependia necessariamente da condução de indivíduos que, como eles, tinham na técnica a possibilidade real de instrumentalizar a ciência como um saber operatório e eficaz no sentido do desenvolvimento nacional.” (KROPF, 1996. p. 182) Mas a principal pergunta para os intelectuais humoristas era: será que estes homens iriam conseguir? A crença no projeto fica evidente pelo número de vezes em que assunto é abordado, entretanto, a convicção, sobre a capacidade de seus responsáveis não era grande.

Em “Três vezes nove...” [Figura 1] nos apresenta os personagens que eram questionados pelos profissionais do humor. K. Lixto<sup>8</sup> destaca<sup>9</sup> José Joaquim Seabra (Ministério da Justiça e Negócios Interiores) carregando um livro intitulado *Lex*, significado de lei em latim. Francisco Franco Pereira Passos (Prefeito da Capital Federal) segurando uma picareta, objeto que em muitos momentos o identifica nas charges, principalmente por sua ligação com as demolições na cidade. Rodrigues Alves é representado com seu óculos e barba característicos. Lauro Müller (Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas) carrega embaixo do braço os projetos das obras do porto. E José Leopoldo de Bulhões Jardim (Ministério da Fazenda) traz os orçamentos na União.

Rodrigues Alves está pensativo, apoiando a cabeça, e os outros com o dedo apontado para as suas testas, demonstrando estarem tendo ideias. Esta expressão corporal dos políticos combina-se com a legenda “*Projectos, idéas, concepções, parafusadellas, cogitações*”. Já a segunda parte do texto relaciona-se ao título. “*Tres vezes nove...*” expressão popular da época que significava algo imutável, que sempre dará o mesmo resultado.

A sensação de algo que se prolonga, que perdura, significada no título complementa-se no final da legenda “*e até agora... nickles!*”. Ao utilizar uma palavra inglesa que, no uso corrente significava moeda de pouco valor, K. Lixto estava dando destaque ao pouco avanço depois de cinco meses de mandato e das promessas feitas. Desta forma o chargista ironiza as muitas ideias de projetos, mas com pouca realização.

A série, continua a narrativa de questionamentos com relação aos projetos anunciados pela República. Em “Está na hora...” [Figura 2] é possível verificar ao centro, fazendo o papel de parceiro das obras do porto, a figura caricata que representa Rodrigues Alves. Novamente o presidente ganha destaque perante aos demais personagens. De roupa branca e com as mangas

---

<sup>8</sup> Calixto Cordeiro ou K. Lixto, como costuma assinar a maioria de suas obras, foi um caricaturista, desenhista, ilustrador, litógrafo, pintor e professor.

<sup>9</sup> Nomes da esquerda para a direita.

da camisa arregaçadas, tem a expressão de que está prestes a realizar algo muito importante. E de acordo com a função de complementariedade da legenda - “- *Seiu! Silencio que a cousa está por pouco: o parteiro vai metter mãos á obra...*” – Ele é o personagem que será responsável por colocar dar luz às as obras. Vestidos com suas casacas pretas, fora do cômodo em que se realiza o “parto”, fazendo sinal de silêncio para que se possa se ter concentração no momento de colocar as “mãos á obra”, estão os personagens já apresentados na charge anterior **[Figura 1]**. Todos segurando os mesmos objetos da imagem anterior, ou seja, os atributos que identificam suas respectivas funções na “concepção” da obra, como se fossem seus pais. A charge, ao comparar todo o processo a um parto, tematiza humoristicamente a apreensão política relacionada às expectativas ao início das obras do porto, que muito prometia e que mobilizava uma alta arrecadação de recursos naquele período:

[...] O decreto approva ainda o accordo effectuado com as emprezas concessionarias das obras do porto do Rio de Janeiro, fixa a proporção em que devem ser cobradas as taxas industriaes e complementar e, finalmente, estabelece o plano das obras com as emprezas depende do ministério da fazenda, com quem já se tem o Sr. Dr. Lauro Müller entendido a respeito.

Como dissemos, as obras do porto desta capital ficarão promptas no prazo de cinco annos, contando do Sr. ministro da viação ter dentro de tres annos funcionando mais de um kilometro do caes de atracação, desde quando deixará de ser cobrada a taxa complementar. [...] (*O Paíz*, 11/03/1903, p. 2)<sup>10</sup>

A matéria jornalística do *O Paíz* dialoga com a charge, nas matérias que circulavam na grande imprensa e oferece sua interpretação humorada. A escolha da notícia como possível referente da charge denota a prioridade dada às obras. Pois no texto do jornal diário, somos informados de que a União aceitava o aumento das taxas de importação na região portuária, além de prometer entregar em um período um pedaço de construção do cais. A legenda enfatiza que era preciso concentração de todos, pois faltava pouco para que o projeto fosse concretizado. Entretanto, conforme *O Paíz*, o aumento dos impostos a arrecadar foi aprovado por decreto próximo ao dia 11 de março de 1903, mas as obras não foram inicializadas<sup>11</sup> tão prontamente quanto o ato de arrecadar. É isto que podemos identificar como tópico da crítica na charge seguinte **[Figura 3]**.

Intitulada “A voz do sangue”, a charge **[Figura 3]** novamente apresenta Rodrigues Alves, Lauro Müller e Pereira Passos. O último está entregando o bebê recém-nascido à sua

<sup>10</sup> Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 2017.

<sup>11</sup> As obras só foram inauguradas em 8 de março de 1904 e oficialmente inicializadas oficialmente em 29 de março de 1904. O ano de 1903 foi todo destinado a aprovação de leis para arrecadação e desapropriações e pela escolha a empresa empreiteira responsável pelo reestruturação.

mãe “Santa Engracia”. Ao usar esta referência Raul<sup>12</sup> faz uma alusão a um conhecido caso português, provavelmente muito familiar ao público na época, devido à grande comunidade portuguesa na cidade e de seus descendentes. A “anedota” narra a construção de uma igreja em Lisboa que tinha como padroeira esta santa. Projetada no estilo barroco começou a ser construída no século XVI e só foi finalizada no século XX.<sup>13</sup> A expressão “obras de Santa Engrácia” se popularizou, referindo-se sempre a algo que não chegará acontecer, ou que pode demorar muito para ocorrer. Os portugueses acreditavam que as obras da igreja haviam sido amaldiçoadas por um amor impossível e por isto ela acabava nunca sendo concluída devido a incêndios, terremotos e escassez de dinheiro. Por isto o título “*A voz do sangue*” as obras que não começavam, metaforicamente foram consideradas pelo chargista como “filhas” da santa.

No número seguinte, a charge que fecha a “saga” do nascimento das obras. Após a entrega do bebê para sua mãe, padroeira das obras atrasadas, ocorre o batizado dele [Figura 4]. Nesta imagem de Raul Pederneiras, quem segura a criança no momento do batismo é a madrinha, Pereira Passos usando um vestido. O padrinho é Rodrigues Alves que segura e acende a vela, cujo significado católico é de iluminar os caminhos da criança. Além disso, estão presentes ao sacramento cena Lauro Müller e José Joaquim Seabra.

Na legenda da charge é possível verificar um diálogo no qual o padre indaga quais os nomes dos avós, pais e padrinhos da criança. A resposta completa a piada, pois são chistes relacionados aos nomes de Francisco de Paula Rodrigues Alves e Francisco Franco Pereira Passos, colocando conotações de demora e vagarosidade no meio das respostas. O cargo de Lauro Müller também foi metaforizado, além do uso do termo “necessidade nacional” empregado no discurso de posse do presidente em 15 de novembro de 1902. Ao relacionar imagem e legenda, é possível perceber que Raul estava ironizando novamente a demora do início das obras do porto, como todas as imagens anteriores.

## Conclusão

De certo modo, pode-se afirmar que as expectativas em torno da modernidade brasileira projetaram-se na reforma de porto, como podemos observar de forma breve nas imagens

---

<sup>12</sup> Raul Paranhos Pederneiras, ou simplesmente Raul como assinava em suas obras, foi um chargista de grande relevância nos primeiros anos do século XX no Brasil. Raul foi chargista de revistas como: *O Malho*, *Tagarela*, *Fon-Fon*, *Jornal do Brasil*, entre outras. Além de chargista Raul foi delegado, professor de direito, professor da Escola Nacional de Belas Artes e escreveu diversas peças de teatro.

<sup>13</sup> O templo tornou-se o Panteão Nacional em 1916, por decreto. Suas obras só foram concluídas em 1966, sob o governo de Oliveira Salazar.

destacadas. Os comentários gráficos ressaltavam com frequência o dilema moderno central que pode ser resumido em uma relação de atraso-progresso. Embora de maneira resumida, nas figuras destacadas é possível perceber a relação das expectativas em prol da modernidade que encenavam as obras do porto do Rio de Janeiro. Além disso, vale ressaltar a importância da imprensa para o período, sendo um dos símbolos da renovação cultural e a forma de “consumir” imagens e notícia. As charges, no entanto, nos narram de maneira rápida e astuta críticas fundamentais com o desenvolvimento do projeto, mas não deixando de ressaltar a sua importância exatamente pela sua sequência.

O nascimento das obras do porto do Rio de Janeiro foram a temática durante um mês, quatro publicações semanais, da capa interna do *O Malho*. O destaque para o assunto é representado pelo fato da primeira página do veículo, após a capa, ser utilizada por esse tempo pela temática. Desta forma é ressaltado a importância da temática, o que possibilita ao chargista a construção de uma história continuada. As imagens destacam de forma fácil de ser entendida, para contexto cultural da época, as questões de: demora, burocracia e importância para o governo.

### **Bibliografia:**

AZEVEDO, André. *Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. (Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa). São Paulo: Edusp, 3ª ed. 2000.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FARIA, Fernando Antônio. *Os vícios da República: negócios e poder na passagem para o século XIX*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves [Org.]. *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente - da proclamação à Revolução de 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 1.

GOMBRICH, Ernest. *O experimento da caricatura*. In: *Arte e ilusão*. Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martin Fontes, 1995, p. 351-381.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. Rio de Janeiro: 34, 1998. pp. 9-32.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 289-308.

KROPF, Simone Petraglia. *Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX*. Projeto História. São Paulo, v. 13, jun. 1996. p. 179-187.

LAMARÃO, Sérgio T. N., *Dos Trapiches ao Porto: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1991.

LUSTOSA [Org.]. *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 3ª ed. 2015.

MORE, Thomas. LOGAN, George M. ADAMS, Robert (Org.). *Utopia*. Trad. Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla. – 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NERY, Laura M. *Cenas da vida carioca: Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M. P.; LINS, V. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SALIBA, Elias Th. *Raízes do Riso. A Representação humorística na História Brasileira; da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. 1. reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras 2002.

SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 3ª. ed. 2003.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica – Buenos Aires: 1920-1930*. (Trad. Júlio Pimentel Pinto). São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: *O Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: SEVCENKO, Nicolau [org.] *História da Vida Privada no Brasil*, volume 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras. Literatura, técnica e modernização no Brasil*. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e quixotes*. Petrópolis: KBR, 2015.